

A Exposição do Centenário da Independência na Projeção Internacional do Rio de Janeiro

The Independence Centenary Exhibition at the Rio de Janeiro International
Projection

Isabel de Souza Lima Junqueira Barreto
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora de
Conteúdo na Empresa Municipal de Multimeios – MultiRio.
isljbarreto@gmail.com

RESUMO: O presente artigo busca refletir a respeito da importância da Exposição Internacional do Centenário de 1922 como momento chave no processo de projeção internacional da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, a análise concentra-se nas mudanças empreendidas pela administração Carlos Sampaio. Além disso, atenção é dada também à viagem de propaganda empreendida por uma missão especial presidida pelo adido comercial da embaixada brasileira em Washington, Sebastião Sampaio, por diversas cidades estadunidenses. Buscamos analisar a importância das impressões causadas pela cidade em visitantes estrangeiros, entre eles diplomatas, políticos, banqueiros ou simples viajantes. A circulação desses relatos mundo a fora contribuíram para fomentar no imaginário coletivo internacional a visão do Rio de Janeiro como uma das mais belas cidades do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Exposição Internacional do Centenário de 1922; relações internacionais; reformas urbanas

ABSTRACT: The present paper aims to reflect on the importance of the Brazilian Independence Centennial Exposition of 1922 as a key moment in the international projection process of the city of Rio de Janeiro and, therefore. To this end, the analysis focuses on the changes undertaken by the administration of Carlos Sampaio. Additionally, attention is given to the promotional tour carried out by a special mission led by the commercial attaché of the Brazilian embassy in Washington D.C., Sebastião Sampaio, to various American cities. We aim to analyse the importance of the impressions left by the city on foreign visitors, including diplomats, politicians, bankers, or ordinary travelers. The circulation of impressions of these personalities contributed to fostering in the international collective imagination the view of Rio de Janeiro as one of the most beautiful cities in the world.

KEYWORDS: Independence Centennial Exposition of 1922; international relations; urban reforms.

Introdução

A Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 durou dez meses, de setembro de 1922 a julho de 1923. Antes da sua inauguração, a cidade passou por um processo intenso de transformações que teve como marco o início da derrubada do berço da cidade, o Morro do Castelo. A população deste foi deslocada para outras regiões da cidade, passando a viver, em grande parte, distante do seu local de trabalho. No lugar onde se erguia o morro, foram construídos os pavilhões da exposição e muitas outras intervenções foram feitas. A cidade sofreu uma verdadeira cirurgia. Tais transformações eram entendidas como imprescindíveis para que a cidade e o país, em última instância, figurassem entre as nações modernas.

Durante o tempo em que durou, a exposição atraiu visitantes não só brasileiros, mas também do exterior. No que se refere à projeção internacional do Rio de Janeiro, atingiu seu objetivo. A cidade e o país deixaram de ser encarados de forma cética pela comunidade internacional e, a partir dela, o turismo passou a ser encarado de forma profissional. Em 1923, foi criada a Sociedade Brasileira de Turismo (SBT) e a exposição representou uma etapa importante na construção da imagem internacional do Rio de Janeiro como “cidade maravilhosa”.

As exposições tinham uma função de verdadeiros veículos de propaganda dos progressos técnicos de um país. Através delas, as nações buscavam marcar seus lugares na ordem internacional. A exposição no Rio de Janeiro foi a primeira após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Era, portanto, uma oportunidade para que o Brasil mostrasse que estava, enfim, pronto para ocupar um lugar respeitável num mundo que buscava se reconstruir após esse conflito, apesar de suas clivagens internas e da maior parte do país estar longe de ver as benesses da dita modernidade.

O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o Rio de Janeiro deixou de ser conhecido internacionalmente como um cemitério de estrangeiros e passou a ser referenciado como uma cidade maravilhosa. A cidade tinha muitos problemas. Entre eles destacavam-se as epidemias, principalmente de febre amarela, cólera e varíola. Havia então grande resistência ao estabelecimento de quarentenas nos portos do país. Quando instaladas, eram duramente criticadas por senadores anticontagionistas¹, sob a justificativa de prejuízo comercial. Devido à febre amarela, navios saídos da Europa com destino à Argentina e ao Uruguai pararam de fazer escala no Brasil e os portos de ambos os países implantaram quarentenas longas a navios que chegavam do Rio de Janeiro. No Brasil, médicos contagionistas, que defendiam as quarentenas, afirmavam que seria um crime não as implantar. Potenciais imigrantes europeus, tinham medo de se mudarem para o Brasil e morrerem de alguma epidemia. No exterior, o Brasil passava a ser conhecido como “túmulo dos estrangeiros” (WESTIN, 2020; CAMARGO; PESSOA, 2017). A origem da expressão é atribuída ao escritor suíço Ludwig Ferdinand Schmid (1823-1888), que foi cônsul no Rio de Janeiro na década de 1860 (WANDERLEY, 2020). Até meados do século XIX, os visitantes eram, majoritariamente, estudiosos, artistas e pessoas motivadas pelas suas obras. Não havia infraestrutura adequada para recebê-los na cidade. O combate a essas doenças era uma “condição básica” para se dar início à modernização da cidade. Mantê-las controladas era fundamental para “dar continuidade a esse processo” (NUNES, 2021, p. 195).

Há diferentes versões para o surgimento da expressão “cidade maravilhosa”. Uma diz que foi criada por Coelho Neto, no artigo “os sertanejos”, publicado no jornal A Notícia de 29 de novembro de 1908. Outra versão diz que foi criada pela escritora francesa Jeanne Catulle-Mendès, em 1913, com a publicação de seu livro *La ville merveilleuse* dois anos após ter visitado a cidade. Sabe-se porém que a expressão fora

imortalizada na marchinha carnavalesca, de 1934, de autoria de André Filho, que consagrou o epíteto e viria a ser declarada a marcha oficial da cidade através da Lei nº 5, de 5 de maio de 1960 (KRIEGER, 2015). A cidade foi palco, em 1930, de diferentes eventos internacionais, tais como o Concurso Internacional de Beleza, do Congresso Sul-Americano de Turismo, o Congresso da Arquitetura, em junho, a Feira de Amostras do Distrito Federal, em julho e a Feira Portuguesa, em setembro. O cinema também era visto como uma forma de propaganda das cidades. Ao longo da década de 1930, foram produzidos documentários sobre a cidade. Entre eles podemos citar *Rio The Magnificent* (1932) e *Rio de Janeiro -City of Splendour* (1936), produzido pelo Metro Goldwyn Mayer e *Rio de Janeiro* (1938) (ALMEIDA, 2020).

A Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 é o ponto de virada que levou à transformação do olhar estrangeiro sobre a cidade (NUNES, 2021). Entre 1902 e 1922, ocorre uma metamorfose: Francisco Pereira Passos (1902-1906) foi o primeiro de uma sequência de administradores que marcaram seus nomes na história do Rio por capitanearem a “submissão da natureza à ordem da cultura” (MOTTA, 2002, p. 207): o quarteto Passos – Frontin – Sampaio – Dodsworth (MOTTA, 2004). Suas medidas, entre elas a conhecida como “bota abaixo”, orientada por uma visão higienista, teve um custo social elevado e foram largamente estudadas (BENCHIMOL, 1990; SANTOS; MOTTA, 2003; ABRAHÃO, 2022; ROCHA; CARVALHO, 1995; ABREU, 2008) de modo que não serão abordadas aqui.

Quem ocupava o cargo durante as preparações da urbe para sediar a exposição, bem como durante seus primeiros meses, era Carlos Sampaio (1920-1922), substituído por Alaor Prata (1922-1926). Sua grande obra foi o arrasamento do morro do Castelo, local de fundação da cidade. Iniciado em novembro de 1920, ainda não havia sido concluído com a inauguração da exposição em 7 de setembro de 1922. As obras do arrasamento, objeto de intenso debate (MOTTA, 1992a, 1992b, 2002, 2003; KESSEL, 2001;

NUNES, 2021) foram baseadas em “planos, estudos e orçamentos elaborados trinta anos antes, frustrados pelo encilhamento” [...]” (KESSEL, 2001, p. 58). Sua demolição, na visão do prefeito, solucionaria quatro questões: (i) a do desmonte do morro em si, (ii) a do destino das terras, logo, onde utilizá-las, (iii) a do sistema de transporte e (iv) “a da melhor forma de arrimar as terras do aterro, protegendo-as do embate das águas e, como consequência, onde buscar o volume necessário” (SAMPAIO, 1924 apud KESSEL, 2001, p. 58). A “grande obra”, no dizer de Carlos Kessel

transcendia a demolição do Castelo e incluía o lançamento das terras provenientes do desmonte num aterro que se estenderia da ponta do Russel à ponta do Calabouçoⁱⁱⁱ, e o prolongamento da avenida Beira-Mar até Botafogo, contornando o morro da Viúva, com o aproveitamento da pedra resultante para os trabalhos de enrocamento. As obras de engenharia seriam complementadas com a construção de um hotel na nova avenida (hoje chamada Rui Barbosa). (KESSEL, 2001, p. 53)

Dos 4,6 milhões de metros cúbicos do morro, somente 10 % haviam sido removidos até 22 de novembro de 1921 (KESSEL, 2001). Faltavam dez meses para a inauguração da exposição. Esperava-se que ela não desempenhasse apenas o papel de uma “vitrine dupla” (KESSEL, 2001, p. 61), mas que “o espaço tomado ao mar e ao Castelo deveria ser também um espelho, onde a cidade e a nação pudessem buscar a imagem que verdadeiramente queriam e deveriam projetar, a imagem do progresso, da civilização, da higiene e da beleza.”^{iv} (KESSEL, 2001, p. 61).

A administração de Carlos Sampaio pode ser tomada como parte de uma “concepção engenheira” (MOTTA, 2002, p. 203) de gerir a cidade. Tal fato pode ser verificado na sua produção textual, cujas obras mais significativas são Memória histórica: obras da prefeitura do Rio de Janeiro (1924) e O arrasamento do morro do Castelo (1925) (MOTTA, 1992, p. 119; 2002, p.

203). Ambos são exemplos do pensamento sanitaria que influenciava a forma como o espaço urbano devia ser gerido. O morro do Castelo era apontado desde o século XVIII como uma das causas da baixa salubridade da cidade (KESSEL, 2001; MOTTA, 2002, NUNES, 2021). A ele era creditada “a falta de ventilação, a umidade e os ‘miasmas febríferos’ portadores de doenças para a cidade” (MOTTA, 2002, p. 206). Nas palavras de Carlos Sampaio, “constituía um verdadeiro pólipó que impedia a ventilação” (SAMPAIO, 1925 apud MOTTA, 2002, p. 206). Os apaixonados debates que a questão despertava^v tinham, segundo Marly Motta, como pano de fundo “a beleza natural da ‘cidade maravilhosa’” (MOTTA, 2002, p. 206).

O Castelo demarcava uma fronteira entre a cidade “indígena”, “colonial”, “atrasada” e a cidade “europeia”, “civilizada” e “moderna” (MOTTA, 2002, p. 207) que se desejava construir. Se o país pretendia figurar no hall das nações modernas era mister que sua capital estivesse à altura. Para tanto, na visão da época, sua demolição era algo imprescindível. A Exposição Internacional do Centenário foi erguida na área onde ficava o berço da cidade^{vi}, algo bastante simbólico. Sobre os escombros do que restava da capital colonial e imperial construía-se a modernidade, a prova de que o país podia, enfim, ostentar o fato de fazer parte do hall das nações ditas civilizadas. Segundo Marly Motta “Tendo em vista que uma das missões do Rio de Janeiro, Distrito Federal, era exercer o papel de ‘vitrine da nação’, ao seu prefeito caberia, antes de qualquer coisa, empreender a constante remodelação da cidade” (MOTTA, 2002, p. 208).

E assim foi feito. A cidade foi transformada em um canteiro de obras^{vii} “e a dinâmica que se formou em torno delas se identifica com aspectos característicos de um megaevento da atualidade, em relação ao seu poder de transformação da paisagem geográfica, da morfologia, da funcionalidade e dinâmica territorial” (MASCARANHAS, 2004 apud RIBEIRO, 2014, p. 62). A Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil seria a primeira após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Havia, portanto, um desafio a ser enfrentado, “o de traduzir a vontade de

renovação que então invadira todos os domínios da atividade humana” (MOTTA, 1992a, p. 10). Naquele momento, o objetivo do Brasil era exatamente o de desenvolver um projeto de

(re)construção nacional que garantisse a inserção do Brasil nessa nova realidade do pós-guerra. Esse momento foi assim marcado pela tentativa de colocar o país no ritmo da história, de torná-lo contemporâneo do seu tempo. A Exposição do Centenário não poderia ficar alheia a essa aspiração. Ao contrário, ela deveria cumprir a missão de expor o país à comunidade internacional nesse momento particularmente decisivo de rearticulação da economia e da política em escala mundial (MOTTA, 1992a, p. 11).

A exposição inicialmente foi pensada para ser nacional. O projeto foi apresentado pelo deputado Costa Rego, mas apesar das dificuldades econômicas Epiácio Pessoa decidiu pela celebração e defendeu a proposta de tornar a exposição um evento internacional. Sua função seria mostrar às demais nações nossos progressos e nossas potencialidades para promover intercâmbio cultural e comercial. Esperava-se promover a valorização dos produtos nacionais e apresentar aos brasileiros produtos de outros países (RIBEIRO, 2014). Uma das medidas tomadas para fomentar o projeto de uma missão especial que consistia em uma turnê de propaganda pelos Estados Unidos, capitaneada pelo adido comercial do Brasil no país, Sebastião Sampaio^{viii}.

A propaganda em torno da exposição nos Estados Unidos

As exposições entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX eram verdadeiros veículos de propaganda, que davam visibilidade e divulgavam um país no exterior (RIBEIRO, 2014). Estimulavam a economia através do turismo, do entretenimento, do lazer e em diversos

campos de negócios, cumprindo uma função política, econômica e cultural. Nesse sentido, a Exposição Internacional do Centenário marcava a consolidação política da República no âmbito nacional. Internacionalmente, marcava o aprofundamento de relações bilaterais com países da América, Europa e Ásia (RIBEIRO, 2014). No que diz respeito à economia, o país passaria “uma imagem própria, capaz de atrair capitais através da impressão oferecida de grande estabilidade e riqueza” (CHIAVARI, 1985 apud RIBEIRO, 2014, p. 59), o que ajudaria o Estado a se reerguer da grave crise econômica que o assolava. No tocante à cultura, esse intercâmbio traria novas influências nos hábitos e nos costumes, e significava a entrada definitiva na modernidade e o reconhecimento do país como um membro da comunidade internacional.

Por conta disso, Sebastião Sampaio, empreende uma viagem de propaganda da exposição por diversas cidades estadunidenses.^{ix} Neste artigo, seguimos a cobertura feita pelo Jornal do Commercio, do qual Sebastião Sampaio foi chefe de redação. Pontualmente, foi também consultado o jornal O Paiz. Em Nova York, no dia 15 de março de 1922, foi oferecido um banquete por proeminentes nomes do mundo financeiro e industrial local à missão especial brasileira. Entre os participantes estavam o Presidente da Câmara de Comércio Brasileiro-Americana, o Cônsul Geral brasileiro, Helio Lobo. Os anfitriões

salientaram o valor da oportunidade que se oferece para a expansão comercial, com a exposição dos produtos do paiz no Rio de Janeiro, aconselhando que deveriam ser feitos os maiores esforços para a redução das tarifas nas linhas de navegação afim de atrair o maior número de compradores dos productos dos Estados Unidos. (JORNAL DO COMMERCIO, 16/03/1922, p. 1)

No dia 22 de março, estavam na capital do Estado da Virgínia, Richmond. Após um encontro com o governador do Estado, este declarou que enviaria um delegado oficial ao Rio de Janeiro. O mesmo faria o prefeito. Em

discurso na Câmara de Comércio da cidade o diplomata brasileiro lembrou que Richmond abasteceu o Brasil com farinha nos primeiros anos após a independência e tinha o maior centro importador de café brasileiro do mundo (JORNAL DO COMMERCIO, 23/03/1922). No dia 8 de abril, foi noticiado que estiveram nas cidades de Montgomery, Mobile e Birmingham, no estado do Tennessee, onde foram recebidos com banquetes ofertados pelos respectivos prefeitos. Na passagem por Montgomery, o governador do Alabama afirmou que enviaria uma delegação ao Rio de Janeiro. A cidade de Birmingham era um centro de indústria metalúrgica, que na época era um “grande centro importador de manganês brasileiro” (JORNAL DO COMMERCIO, 8/04/1922, p. 1). O enviado da cidade à exposição foi o ex-superintendente da Light em São Paulo.

Depois do Tennessee, visitaram toda a Nova Inglaterra. Foram oferecidos jantares pelas Câmaras de Comercio de Newport, Providence e Newhaven. O adido comercial brasileiro fez ainda conferências nas universidades de Yale e Princeton. Ao fim desta etapa da viagem, Sebastião Sampaio declarou que até aquele momento

encontrou o mais franco interesse pelas festas do Centenário do Brasil e a compreensão exacta de que ha uma grande necessidade de tornar mais intimas e mais amplas as relações commerciaes entre cada uma das unidades federais norte-americanas e o Brasil. (JOIRNAL DO COMMERCIO, 22/05/1922, p. 1)

A edição do dia 25 de maio noticia que a missão especial brasileira, a partir daquele momento, teria o reforço de Bertha Lutz^x, que se uniu ao grupo a partir de Saint Louis. Ela estava nos Estados Unidos como representante brasileira na Conferência Pan-Americana da Mulher. Acompanhou o grupo na sua passagem pelos estados do Missouri, do Novo México, da Califórnia, de Nevada, de Wyoming, do Colorado e de Illinois (JORNAL DO COMMERCIO, 25/05/1922).

Em Saint Louis, como parte das atividades para divulgação da exposição, Bertha Lutz participou de uma Garden Party onde discursou sobre os esforços da mulher brasileira naquele momento. Sebastião Sampaio, em jantar oferecido pela Câmara de Comércio local e por diferentes associações, fez o convite formal para que a cidade se fizesse representar na exposição. Isso foi prontamente aceito pelo ex-governador David R. Francis, que solicitou informar ao Presidente Epitácio Pessoa que a cidade mandaria uma grande delegação e que ele próprio pretendia estar presente. Além disso, o brasileiro fez um discurso, transmitido pelo rádio e ouvido num raio de quinhentas milhas entre Chicago e Nova Orleans (JORNAL DO COMMERCIO, 30/05/1922)

A próxima notícia a sair nesse jornal, datada de 8 de junho, comentava a visita a São Francisco, e chamava a atenção para a reunião no Clube Comercial da cidade, no qual foi feito um convite a todos os comerciantes locais para que visitassem o Rio de Janeiro (JORNAL DO COMMERCIO, 8/06/1922). Poucos dias depois, a delegação foi a Los Angeles, onde o chefe da missão brasileira foi homenageado com um banquete na Câmara de Comércio, que contou com a presença do Prefeito da cidade. A próxima parada foi San Diego, onde um novo banquete foi oferecido para receber os brasileiros (JORNAL DO COMMERCIO, 14/06/1922). A próxima notícia nesse periódico a citar Sebastião Sampaio dá conta de que ele já estava no Brasil, em São Paulo^{xi} (JORNAL DO COMMERCIO, 1/09/1922). Segundo o jornal O Paiz, o adido comercial brasileiro em Washington desembarcou no porto do Rio de Janeiro dia 18 de agosto (O PAIZ, 19/08/1922).

Sua viagem pelo território estadunidense foi um esforço propagandístico hercúleo para a época. O périplo por praticamente todos os Estados demonstra como o governo brasileiro investiu pesado em divulgar o país para fomentar as relações bilaterais com a maior potência econômica do pós-guerra. Estreitar essas relações era imprescindível. Tal relação só

creceu, apesar dos momentos em que o país buscou diversificar suas relações internacionais como a Política Externa Independente (1961 – 1964) e o Pragmatismo Responsável (1974 – 1979).

A propaganda em torno do Rio de Janeiro entre 1902 e 1922

A propaganda em torno do Rio de Janeiro teve início ainda no século XIX, mas tinha um caráter muito incipiente. A cidade se destacava pela sua natureza, porém, devido aos seus problemas com epidemias, falta de saneamento, ruas estreitas e falta de iluminação, atraía poucos visitantes. Data de 1907, logo após as reformas de Pereira Passos, a primeira excursão turística para a América do Sul. Foram apenas doze passageiros a bordo do navio Byron saído de Nova York. No roteiro da viagem estavam previstas uma ida a Petrópolis e Santos, e no Rio de Janeiro, uma visita ao Jardim Botânico, ao Leme, a Tijuca, ao Corcovado e um dia livre (NUNES, 2021). Ao longo das primeiras décadas do século XX, esforços foram feitos para melhorar a projeção da cidade e do país no exterior. Quanto a essa questão, iremos nos basear na tese de Lara Jogaib Nunes O processo de turistificação do carnaval do Rio de Janeiro pelas páginas da Gazeta de Notícias (1922 – 1932)^{xiii} (2021). Até a primeira metade do século XIX, chegavam na cidade predominantemente estudiosos, artistas e pessoas motivadas pelas obras produzidas por ambos, que ressaltavam as belezas naturais da cidade. As transformações iniciadas com a chegada da Família Real portuguesa em 1808 aumentaram a atração de estrangeiros com o desejo de se instalarem aqui devido às possibilidades de trabalho (NUNES, 2021).

A cidade, com a Proclamação da República, foi sendo moldada ao longo do tempo para atender aos anseios de modernidade, civilidade e progressos da elite intelectual e econômica. As reformas urbanísticas, sanitárias e a adoção de hábitos e costumes europeus pela elite e pela intelectualidade foram primordiais para criar uma atmosfera atraente para a prática do

turismo.

A Exposição Internacional do Centenário de 1922 foi o ponto de virada na projeção internacional da urbe que a transformou no que ela é hoje, mas a consolidação da imagem de “cidade maravilhosa” se deu apenas nos anos 1930 (NUNES, 2021). Na história dessa construção, há um antes e um depois das festividades do centenário. A cidade recebeu um grande volume de visitantes. Na edição nº 49, lançada em 9 de dezembro de 1922, a revista Fon Fon publica um texto em espanhol intitulado *Excursiones por Rio de Janeiro*. Neste artigo de duas páginas, Maria Antonia Martinez apresentou um roteiro do que visitar na cidade. A abertura do artigo enfatiza como a natureza carioca faz bem para o corpo e para o espírito *“con su clima cálido, sus brisas suaves, las pinceladas mágicas que el Hacedor le prodigara, es puerto donde deben llegar los debiles y enfermos del cuerpo y del espiritu”* (MARTINEZ, 1922, p. 14). A autora enaltece a vista da Baía de Guanabara, as avenidas Beira Mar e Niemeyer, que dividem o cenário com o *“labor frebricante”* do dia a dia. Ainda cita os preparativos incessantes para a comemoração do centenário:

Con motivo de las fiestas del centenario que se aproximan se trabaja en forma incalculable. Por todas partes abren, cierran avenidas, levantan pabellones, hermoséase o aspecto de la ciudad.

El dia del gran acontecimiento histórico la encontrará pues engalanada como novia que espera el prometido.

A que futuro esplendoroso no llegará un pais cuyos habitantes nnem (sic) a su naturaleza única los esfuerzos y trabajos para hacer de él una grandiosa capital orgullo hijos?
(MARTINEZ, 1922, p. 14)

Continua citando as montanhas gigantescas *“que lo abrazan todo”*, cita o Pão de Açúcar, a Praia Vermelha, o Morro da Urca. Para Martinez era impossível visitar a cidade sem conhecer determinados locais que deixam

no visitante “*recuerdos imperecederos y emociones intraducibles*”. O Pão de Açúcar, as praias, as fortalezas de Villegaignon, São João, Santa Cruz e Copacabana, as ilhas que pontuam o litoral prateado, o Corcovado, as paineiras, a Quinta da Boa Vista, o Museu Nacional, a Cascata Tijuca, lugar onde “*la belleza llega a su mas alto grado*” (MARTINEZ, 1922, p. 16).

Em 1923, foi fundada a Sociedade Brasileira de Turismo (SBT). Para tanto, foi de primordial importância o compartilhamento de *know how* do conde Andrien van der Burch^{xiii}, Comissário Geral belga à exposição do centenário e profundo conhecedor do Brasil. Em palestra a jornalistas no pavilhão do seu país discorreu sobre como funcionava o setor do turismo na Bélgica e apontou dois problemas, que na sua concepção dificultavam a vinda de estrangeiros ao Brasil: “a ausência de serviço de turismo organizado no exterior e de fotografia profissional para a confecção de cartões postais” (NUNES, 2021, p. 83). Investir nisso era fundamental, pois cartões postais seriam lembranças dos principais pontos a serem visitados em uma cidade. O papel que eles cumprem na projeção internacional de uma cidade não devia ser ignorado. Eles tinham a função de evocar a memória de localidades visitadas, bem como de despertar o interesse e a curiosidade das pessoas (NUNES, 2021).

Mais de um mês depois de iniciada, a Comissão de Propaganda e Festejos começou a implantar ações efetivas para aumentar a presença de visitantes na exposição. Uma dessas foi uma reunião, no Palácio Monroe, capitaneada por Sebastião Sampaio, que na exposição ocupou o cargo de Diretor-Geral de Festas. A reunião contou com a Presença do Conde Adrien van der Burch e de membros da equipe organizadora como o Sr. Ferreira Ramos, Delegado Geral, além de “membros da Comissão, diretores das companhias de navegação nacionais e estrangeiras, representantes dos diretores das estradas de ferro e proprietários de hotéis da cidade” (NUNES, 2021, p. 92). O objetivo da reunião era pensar em estratégias para estimular a visita à exposição.

Os jornais O Paiz e Jornal do Commercio divergem quanto ao número de visitantes estadunidenses na exposição. Para o primeiro foram dez mil, para o segundo, citando números informados pelo Comissário Geral dos Estados Unidos na exposição, David Charles Collier^{xiv}, foram seis mil. De acordo com Lara Jogaib Nunes (2021), não há fontes suficientes para comprovar os dados mencionados, contudo a imprensa carioca noticiou a chegada de várias embarcações estadunidenses, o que a leva a acreditar que houve um número substancial de visitantes daquele país (NUNES, 2021). A edição de 13 de maio de 1922 do jornal O Paiz, já citada, noticiou que a companhia *Booth Steamship* decidiu reduzir o preço de suas passagens Nova York – Rio de Janeiro e vice-versa. A passagem da 1ª classe passou a ser vendida a U\$ 220,00 e as da 3ª classe a U\$ 30,00. O objetivo era exatamente atrair visitantes para a exposição (O PAIZ, 13/05/1922, p. 4). Pode-se especular, portanto, que o número de visitantes, foi uma consequência da viagem propagandística de Sebastião Sampaio.

Os representantes estrangeiros como vetores de projeção internacional do Rio de Janeiro

A Exposição Internacional do Centenário contou com a presença de representantes oficiais de diversos países do continente americano, da Europa e da Ásia. São eles Argentina, Canadá, China, Colômbia, Estados Unidos, Guatemala, México, Peru e Uruguai representando o continente americano. Alemanha, Cidade do Vaticano, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, França, Inglaterra, Itália, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça e Tchecoslováquia, a Europa. Japão e China, a Ásia. Dentre esses, tiveram pavilhões próprios Argentina, México, Inglaterra, França, Itália, Portugal, Dinamarca, Suécia, Tchecoslováquia, Bélgica, Noruega, Japão e os Estados Unidos (MOTTA, 1992a; RIBEIRO, 2014).

O primeiro dos Pavilhões a ser inaugurado foi o da Bélgica. A relação entre Brasil e Bélgica era antiga, remetendo ao período colonial, quando esta

ainda fazia parte dos Países Baixos^{xv}. Em 1920 o Rei Alberto I e a rainha Elisabeth estiveram na cidade, foram convidados por Epiácio Pessoa que, em 1919 esteve na Bélgica^{xvi}. O Conde Adrien van der Burch, em discurso na recepção a professores e alunos da Escola Politécnica no Pavilhão das Grandes Indústrias da Bélgica, abordou “as relações fraternais que sempre existiram” entre ambos os países, “as belezas do Rio de Janeiro, que S. Exa. classifica como ‘a mais bela cidade do mundo’”; abordou também o “êxito da nossa exposição” as “riquezas do nosso subsolo”; e o “adiantamento das nossas indústrias”, declarando que o país estava “destinado a ocupar um lugar de destaque no convívio das nações mais adiantadas do mundo” (JORNAL DO COMMÉRCIO, 7/10/1922, p. 2). Outra personalidade importante presente foi o Burgomestre (Prefeito) de Bruxelas Adolphe Max^{xvii}.

Dentre todos os representantes diplomáticos presentes, destaque deve ser dado ao presidente de Portugal, António José de Almeida^{xviii}. Foi a primeira vez que um Chefe de Estado português veio ao Brasil após a Proclamação da Independência política em 1822 (FON FON, 23/09/1922, p. 28). No dia 19 de setembro, foi conduzido a um passeio pela cidade, acompanhado de Epiácio Pessoa, Carlos Sampaio e numerosa comitiva. O Presidente Português também assistiu à solenidade de inauguração da Avenida Portugal, na Urca^{xix}. Em discurso em solenidade no Congresso Nacional, o presidente português destacou a recepção que teve ao chegar na capital brasileira no percurso até o Palácio Guanabara, “manifestação desse generoso povo do Rio de Janeiro, manifestação que me enlevou, que me encheu de prazer [...] tomando como bom agouro, para a minha missão, no Brasil, o banho lustral de amizade dessa população” (JORNAL DO COMMERCIO, 21/07/1922).

Outra manifestação da impressão causada pela cidade nos estrangeiros pode ser vista no discurso do banqueiro francês Boullioux Lafont, que chegou ao país treze anos antes. No discurso proferido em jantar de homenagem a François Crosier, Comissário Geral da França, realizado em

12 de outubro, é possível perceber as impressões de um estrangeiro quanto às mudanças sofridas pela cidade nos anos anteriores:

Não posso esquecer que há 13 anos passados, quando desembarquei no Rio pela primeira vez a Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco – nome de um dos mais célebres estadistas que a América tem tido, alinhava apenas algumas casas. As ruas eram então percorridas por modestos bondinhos de burros e não menos modestos tilburys; a esplêndida Beira-Mar continuava ainda por acabar; a iluminação era feita por meio da luz intermitente e pálida dos combustores de gaz. Em 1911 só havia quatro automóveis no Rio, e volta da Tijuca era uma viagem longa e fastidiosa no meio da lama e dos buracos da cidade, hoje tão bem calçada; o Leme contava apenas algumas casas; Copacabana, por assim dizer, principiava a nascer; Ipanema e Leblon jaziam por enquanto no limbo. O nosso amigo Carlos Sampaio, ocupado com o arrasamento do Morro do Senado, não pensava ainda na extirpação do segundo polypo. Inutil falar-vos da Avenida Niemeyer, porque esta então é uma jóia que tem apenas dous annos. E hoje! Hoje o Rio de Janeiro é o que estaes vendo, meus caros patrícios que aqui viestes pela primeira vez, a rainha do esplendor entre as outras cidades do mundo: breve será o Rio, entre as cidades de primeira importância do globo, a manifestação da última palavra em progresso e civilização. Se estou me alongando neste assumpto é simplesmente para que possaes comprehender melhor a immensidade do esforço realizado num período tão extraordinariamente curto, e, vizando uma collaboração futura á qual não podereis fugir, chamar a vossa attenção para a rapidez estonteante dos resultados que se obtêm neste solo brasileiro, cuja magnificência só é ultrapassada pela sua própria riqueza e uberidade [...] (JORNAL DO COMMERCIO, 14/10/1922, p. 2)

No dia seguinte, em discurso no banquete aos comissários e membros do júri da exposição, François Crosier pronunciou algumas palavras. É possível perceber a sua visão sobre aquilo que se firmou como a marca diferencial positiva da cidade no imaginário internacional, sua natureza e a hospitalidade de seus habitantes:

[...] Há somente algumas semanas aportávamos a este lindo paiz, em pleno esplendor das festas do Centenário; os nossos sentidos maravilhados não adivinhavam ainda todas as suas belezas e foi pouco a pouco que pudemos descobrir os mil aspectos diversos desta exuberante natureza e desta paisagem encantadora. Paiz maravilhoso, onde, como tão bem dizeis vós mesmos, a palavra miséria parece não existir. [...] No trabalho de cada dia, e na intimidade com os vossos compatriotas pudemos apreciar a refinada gentileza e a hospitalidade amabilíssima do povo brasileiro. Um pouco da alma desse povo nos apareceu e nos damos maravilhados do que víamos. Eis, porém, que em plena realização do nosso sonho de beleza, repentinamente chega o dia da despedida. Precisamos deixar estas regiões de beleza, estes sítios encantadores, este paiz novo onde a acção individual pode desdobrar-se em realizações tão vastas e onde o futuro se abre aos moços e aos empreendedores, precisamos partir para chegar de novo á velha Europa, em pleno (sic) entre frios e névoas. (JORNAL DO COMMERCIO, 14/10/1922, p. 3)

Nas palavras de Lafont e Crosier, é possível perceber que, ao olhar estrangeiro, o Brasil estava superando a visão cética da comunidade internacional. A opinião negativa quanto ao país e à América Latina também foi abordada pelo banqueiro em seu discurso. As palavras acima mostram que, aos olhos da Comunidade Internacional, a Exposição do

Centenário da Independência cumpriu com o objetivo de mostrar que o país estava em condições de ter um crescimento econômico que o colocasse em posição favorável.

Outro destaque que não pode deixar de ser abordado por conta da turnê de propaganda de Sebastião Sampaio é a delegação estadunidense. Sem a presença do Presidente Warren G. Harding, contou com o Secretário de Estado Charles Evans Hughes. O Comissário Geral foi David Charles Collier, que recebeu o título de “hospede da nação” ao final da exposição e foi oficialmente convidado a permanecer no país para conhecer diferentes Estados, retornando aos Estados Unidos apenas em 1924 (AMERO, 2010). A comissão do país contou ainda com a presença da sufragista Henrietta Wells Livermore^{xx} e de membros da colônia estadunidense no Brasil, residentes no Rio de Janeiro que desejavam que seu país tomasse parte nas celebrações do centenário. Entre eles destaca-se W. G. Stevens, Presidente da Câmara Americana de Comércio para o Brasil e o advogado Richard P. Momsen, que serviu no consulado do país. Ambos foram nomeados membros da comissão. Outro participante era J. Butler Wright, que exerceu o cargo de secretário da embaixada dos Estados Unidos entre 1913 e 1915 (A PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL, 1923; HENRICH, WIDENER, 2023). Além deles a delegação contou com o Diretor do Museu Comercial da Filadélfia, representante do estado da Pennsylvania, William Powell Wilson^{xxi} (FON FON, 11/11/1922). A delegação do país também contou com a participação de diferentes agências governamentais, entre elas estavam o Serviço Florestal, a Agência de Pesca, das Estradas Públicas, das Minas, o Departamento de Guerra e a Biblioteca do Congresso (HENRICH; WIDENER, 2023).

Outra cidadã do país que esteve na exposição, porém não como membro da delegação oficial, foi a montanhista Annie Smith Peck^{xxii}. Em 1923, publicou na revista *Current History* um artigo sobre a exposição, intitulado *The International Exposition of Brazil*. Percebe-se, na apresentação, que a

exposição causou uma impressão muito positiva na autora, que descreveu ao leitor de forma sintética e eloquente o que ele iria ler *“Remarcable features of a Centennial celebration which developed into a great International Exposition – Exhibits of all the great nations of the world – A rich, beautiful and impressive spectacle in a setting of fairy-like beauty”* (PECK, 1923, p. 1043). No parágrafo de abertura, lamenta que a exposição não estivesse tendo a atenção que merecia por parte do público do seu país. Logo em seguida, descreveu o que achou da cidade do Rio de Janeiro:

First of all, there is the setting, exquisite Rio de Janeiro, a great city standing amid tropical verdure on the shore of a beautiful bay, and set in a frame of rugged mountains, cliffs and rocky pinnacles. For scenic beauty of land and water, seashore and mountain, Rio has no rival and no peer. (PECK, 1923, p. 1043)

Subsequentemente, é feito um breve resumo do contexto em que a exposição foi autorizada, qual seria sua função e como passou de uma exposição nacional para uma internacional. É feita uma crítica à morosidade da construção do pavilhão dos Estados Unidos, que consumiu 1 milhão de dólares e foi o último pavilhão inaugurado, em 23 de dezembro de 1922. A autora passa, então, à descrição espacial da exposição. Descreve a distribuição dos pavilhões, que são o destaque do artigo, ilustrado com imagens de alguns deles; a Avenida das Nações, atual Avenida Presidente Wilson, que ficava entre a Avenida Rio Branco, descrita por Peck como “esplêndida”, e a Praça Marechal Âncora (RIBEIRO, 2014). Em meio à descrição dos produtos expostos nos pavilhões nacionais, Smith Peck opina que o país foi bem-sucedido nos esforços voltados para o progresso, e que todos os que tivessem oportunidade de ir deveriam fazê-lo para ver tudo pessoalmente *“(...) but it should be sufficiently clear that a worthy display of progress has been presented by Brazilian Government which deserves the personal inspection of all who are able to go”* (PECK, 1923, p. 1049). Destaque também é dado à iluminação, que, para a autora, em certos aspectos foi superior à da exposição de São Francisco:

The nightly illumination affords a spectacle in some respects surpassing any hitherto beheld in any quarter of the globe. The great dome of the Palace of Festas and the several towers are all brilliantly illuminated (...). Though the grounds are less extensive than those of the San Francisco Exposition, the illumination, on the same general lines, is in some respects superior (...). The entire space becomes a fairyland, and even afar, from the veranda of the Gloria Hotel, presents a fascinating spectacle". (PECK, 1923, p. 1049)

Entre os jornais estadunidenses que cobriram o evento e o divulgaram estão *Washington Herald* e *Evening Star*. O primeiro, por exemplo, na edição de 6 de agosto de 1922, publicou uma imagem aérea do pavilhão do país em construção. O último, em 3 de dezembro de 1922, publicou imagens do Pavilhão Nacional da Viação e Agricultura, do Palácio das Festas e do Pavilhão do México.

No que se refere à delegação estadunidense na exposição, o destaque na imprensa carioca foi o Dia do Nevada, encouraçado de Guerra do país. Este dia foi marcado por um desfile da sua tripulação na Avenida das Nações, com cerimônia de continência às bandeiras em frente ao Palácio das Festas. A ocasião contou, também, com uma exibição aérea, onde pilotos estadunidenses e brasileiros sobrevoaram a área da exposição. As celebrações foram divulgadas também pelo jornal estadunidense *Evening Star* (A PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL, 1923; FON FON, 18/11/1922, *Evening Star*, 10/12/1922). Outras menções que merecem destaque foram o jantar, no Palace Hotel, oferecido por David Charles Collier a Sebastião Sampaio, noticiado na edição nº1 do ano de 1923 da revista *Fon Fon* (FON FON, 6/01/1923), e as impressões de David Charles Collier com relação à cidade, citada pelo Secretário Geral da Sociedade Brasileira de Turismo, P. B. Cerqueira Lima, em jantar promovido pelo

Rotary Club. A citação das impressões de David Collier teve um intuito de chamar a atenção dos presentes quanto à necessidade de se investir em turismo na cidade da exposição do centenário. Segundo ele, foram essas as palavras de David C. Collier:

Deixe que eu diga agora, para que todo o Brasil o saiba, o meu extase diante das incomparáveis bellezas do Rio de Janeiro, o meu perpétuo encanto pelas magias dessa cidade, a mais seductora de quantas tenho visto e aquella onde, se não fallasse mais alto o meu sentimento de pátria e natural apego á terra dos meus maiores, quereria repousar na eternidade. O Rio está destinado a ser o maior centro de turismo americano, desde que o Governo brasileiro queira aproveitar devidamente a oportunidade que lhe offereceu o Centenário. Seis mil compatriotas meus aqui estiveram. Serão outros tantos propagandistas dos attractivos do Rio (grifo meu). Outros milhares virão e se encontrarem aqui entretenimentos condignos muitos milhões de dollars entrarão para a vossa economia com a rendosa indústria do turismo [...] (JORNAL DO COMMERCIO, 18/12/1923, p. 6)

As palavras de Collier são mais um exemplo do impacto causado pela cidade em seus visitantes, e mostram que a Exposição Internacional do Centenário foi uma oportunidade única. Como sabemos, as autoridades brasileiras seguiram o conselho do Comissário Geral estadunidense. Não há espaço aqui para abordar os passos seguintes, mas sabemos que a imagem da cidade se fixou no imaginário internacional.

Considerações Finais

Diplomatas, chefes de Estado, banqueiros, intelectuais, jornalistas, ativistas sociais ou simplesmente viajantes, todos foram vetores de propaganda da cidade em seus países de origem. Busquei com o artigo mostrar que a

projeção internacional da cidade teve com a Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 o seu impulso inicial. As contradições desse processo, a crise social e política pela qual o país passava naquela conjuntura, já foram tratados por muitos autores, entre eles (MOTTA, 1992a, 1992b; ENDERS, 2015; SCHUSTER, 2014). Ademais, de fundamental importância foi a viagem da missão brasileira chefiada por Sebastião Sampaio pelos Estados Unidos. Em poucos meses cobriram praticamente todos os estados daquele país. Ela não pode ser negligenciada como uma peça central do processo de construção da imagem internacional da cidade. A julgar pelo dado fornecido pelo Comissário Geral estadunidense na exposição, David Charles Collier, seis mil cidadãos do seu país visitaram a cidade. Seja como for, seis mil visitantes, para o contexto dos anos 1920, é um número considerável.

As exposições que marcaram a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século passado eram verdadeiros megaeventos. Nos 102 anos que nos separam da exposição do centenário, os prefeitos que se sucederam ao quarteto Passos – Frontin – Sampaio – Dodsworth continuaram o processo de constante remodelação da cidade, que sediou outros grandes eventos ao longo do tempo. A Exposição Internacional do Centenário da Independência, portanto, cumpriu seu papel. Colocou a cidade na rota do turismo internacional, estreitou os laços entre o Brasil e diferentes países e ajudou a estabelecer a fama de “cidade maravilhosa”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias:

A PARTICIPAÇÃO dos Estados Unidos da America na Exposição do centenario da independencia do Brazil. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1923. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/33013124/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

A propaganda da Exposição Internacional do Rio de Janeiro - um banquete à missão especial chefiada pelo Sr. Sebastião Sampaio. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 16 mar. 1922, p. 1. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=Exposi%c3%a7%c3%a3o&pagfis=41259. Acesso em 08 mai. 2024.

A propaganda da Exposição do Centenário do Brasil - A excursão do Sr. Sebastião Sampaio e da senhorinha Bertha Lutz pelas cidades norte-americanas. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 30 mai. 1922, p. 1. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Sebasti%c3%a3o%20Sampaio%22&pagfis=42570. Acesso em 9 mai. 2024.

A sra. Bertha Lutz fará a propaganda do centenário do Brasil pelos Estados Unidos. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 25 mai. 1022, p. 1. Disponível

em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Sebasti%c3%a3o%20Sampaio%22&pagfis=42490. Acesso em 9 mai. 2024.

[] A viagem do Sr. Sebastião Sampaio a São Paulo. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1 set. 1922, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Sebasti%c3%a3o%20Sampaio%22&pagfis=43179. Acesso em: 24 mai. 2024.

Centenário da Independência. A representação japonesa - A participação da França - A comissão de Santa Catarina - A representação dos Estados Unidos - Congresso Brasileiro de Farmácia. O Paiz, Rio de Janeiro, 13 mai. 1922, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%22Sebasti%C3%A3o%20Sampaio%22&paSta=ano%201922&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9598. Acesso em: 11 jun. 2024.

Conde Adrien van der Burch. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27 jun. 1922, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=Exposi%c3%a7%c3%a3o&pagfis=43099. Acesso em: 03 jun. 2024.

Em propaganda da Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 8 de abr. 1922, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Sebasti%c3%a3o%20Sampaio%22&pa

- gfigis=41651. Acesso em 8 mai. 2024.
- Evening star. [volume], Chronicling America: Historic American Newspapers, Washington, D.C., 10 dez. 1922. Disponível em: <https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83045462/1922-12-10/ed-1/seq-87/>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- Evening star. [volume], Chronicling America: Historic American Newspapers, Washington, D.C., 03 dez. 1922. Disponível em: <https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83045462/1922-12-03/ed-1/seq-88/>. Acesso em: 09 jul. 2024.
- Evening star. [volume], Chronicling America: Historic American Newspapers, Washington, D.C., 10 dez. 1922. Disponível em: <https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83045462/1922-12-10/ed-1/seq-87/>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- França – Brasil. Banquete ao Sr. Crozier – O discurso do Sr. Boilloux Lafont - Resposta do Comissário Geral da França. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 14 out. 1922, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=Exposi%c3%a7%c3%a3o&pagfis=44139. Acesso em: 10 jun. 2024.
- Homenagem a Sebastião Sampaio. Fon Fon, Edição 0001, 06 jan. 1923, p. 37. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%201922&pesq=%22Sebasti%C3%A3o%20Sampaio%22&pagfis=42068>. Acesso em: 13 jun. 2024.
- O “Dia do Nevada”, Na Exposição. Fon Fon, Edição 0046, 18 nov. 1922, p. 36 - 37. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%201922&pesq=Navio%20Nevada&pagfis=41305>; <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%201922&pesq=Navio%20Nevada&pagfis=41306>. Acesso em: 13 jun. 2024.
- O discurso do Sr. Ministro Crozier, decano dos Comissários Geraes na Exposição. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 14 out. 1922, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22H%c3%a1%20somente%20algumas%20semanas%22&pagfis=44140. Acesso em: 12 jun. 2024.
- O hóspede máximo. Fon Fon, Rio de Janeiro, Edição 0038 A, 23 set. 1922, p. 28. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=152338>.
- O Pavilhão das Grandes Indústrias da Bélgica. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 7 out. 1922, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=Exposi%c3%a7%c3%a3o&pagfis=43979. Acesso em: 03 jun. 2024.

O Sr. Sebastião Sampaio em excursão pelo estado da Virgínia. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1922, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_11&pasta=ano%201922&pesq=%22Sebasti%C3%A3o%20Sampaio%22&pagfis=41377. Acesso em: 08 mai. 2024.

O Senhor Sebastião Sampaio continua a fazer intensa propaganda da exposição internacional do Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1922, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=Sebasti%C3%A3o%20Sampaio&pagfis=42741. Acesso em: 24 mai. 2024.

O Sr. Sebastião Sampaio em viagem de propaganda da exposição do Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1922, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Sebasti%C3%A3o%20Sampaio%22&pagfis=42845. Acesso em: 24 mai. 2024.

Perfis Internacionais. o director do museu comercial da Philadelphia. *Fon Fon*, Edição 0045, 11 nov. 1922, p. 12. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%201922&pesq=%22William%20Powell%20Wilson%22&pagfis=41190>. Acesso em: 13 jun. 2024.

Portugal-Brasil. A recepção solenne do Congresso Nacional. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 set. 1922, p. 2-3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=Exposi%C3%A7%C3%A3o&pagfis=43610. Acesso em: 10 jun. 2024.

Telegramas – Exterior – Estados Unidos. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 mai. 1922, p. 1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Sebasti%C3%A3o%20Sampaio%22&pagfis=42448. Acesso em 9 mai. 2024.

MARTINEZ, Maria Antonia. Excursões por Rio de Janeiro. *Fon Fon*, Rio de Janeiro, Edição 49, 9 dez. 1922, p. 14 - 16. Disponível em: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1922/fonfon_1922_049.pdf. Acesso em 28 mai. 2024.

PECK, Annie Smith. The International Exposition of Brazil, Current History (1916 -1940), V. 17, n. 6, mar. 1923, p. 1043 - 1049. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45329518?read-now=1&seq=1>. Acesso em 9 jul. 2024.

The Washington herald. Washington, D.C, 6 ago. 1922, p. 07. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/sn83045433/1922-08-06/ed-1/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Viajantes. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 ago. 1922, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&Pesq=%22Sebasti%C3%A3o%20Sampaio%22&pa

- gfis=10532. Acesso em: 11 jun. 2024. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/biblioteca_carioca_pdf/era_demolicoes_hab_pop.pdf. Acesso em: 24 mai. 2024.
- Bibliografia:**
- ABRAHÃO, João Vitor Schmutzler. O “Bota-Abaixo” de Pereira Passos: Transformação Urbana como Artifício Civilizatório? *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: v. 62, pp. 155 – 174, jan., 2022. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/50454748/tae_62_.pdf. Acesso em: 22 mai. 2024.
- ALMEIDA, Paula Cresciulo de. A construção do Rio de Janeiro como cidade turística: imprensa, poder público e iniciativa privada (1922-1935). 2020. 148 f. Tese. (Doutorado em História) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/98221b84-790f-491f-ab8a-ad9d9fa56b5b>. Acesso em: 05 set. 2024.
- AMERO, Richard. Colonel D.C. Collier “An Inspiration to the Citizens of Today”. *The Journal of San Diego History*. v. 56, nº 4, pp. 203 – 216, Fall 2010. Disponível em: <https://sandieghistory.org/journal/v56-4/v56-4amero.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2024.
- CARVALHO, Lia de Aquino. Contribuição ao estudo das habitações populares: Rio de Janeiro: 1866 – 1906. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995.
- CAMARGO, Angélica Ricci; PESSOA, Gláucia Tomaz de Aquino. O Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Arquivo Nacional, 2017. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=486>. Acesso em: 08 nov.2024.
- ENDERS, Armelle. A história do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Griphus, 2015.
- HENRICH, Nathalia; WIDENER, Henry Granville. The Brazilian Independence Centennial Exposition (1922). Biblioteca do Congresso, 2023. Disponível em: <https://guides.loc.gov/brazil-us-relations/brazilian-centennial-exposition>. Acesso em: 12/07/2024.
- KARAWJCZYK, Mônica. O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, nº 2, pp. 1 – 17, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/BK8rBfMZ8PSzSsvZRTqfqc/>. Acesso em 9 mai. 2024.
- KESSEL, Carlos. A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101436/a_vitrine_e_o_espelho.

pdf. Acesso em: 24 mai. 2024.

KRIEGER, Fernando. "Cidade Maravilhosa": André Filho e a saga de uma marcha – hino. Instituto Moreira Salles, 2015. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/cidade-maravilhosa-i-andre-filho-e-a-saga-de-uma-marcha-hino/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

MOTTA, Marly Silva da. "Ante-sala do paraíso", "vale de luzes", "bazar de maravilhas" - a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro - 1922). Rio de Janeiro: CPDOC, 1992a. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/c78f2f37-3993-402d-b3e5-ab4f456b7fe9/content>. Acesso em: 24 mai. 2024.

_____. A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992b. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/a15eda2c-ef71-4dc3-b180-0cf33fb3a84b>. Acesso em: 9 jul. 2024.

_____. O "Hércules da prefeitura" e o "demolidor do Castelo": o Executivo municipal como gestor da política urbana da cidade do Rio de Janeiro. IN: OLIVEIRA, Lucia Lippi. CIDADE: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002, pp. 194 - 211. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/496f4879-e58d-44a5-88a6-21304e07ecc9/content>. Acesso em: 9 jul. 2024.

_____; SANTOS, Angela Moulin Simões Penalva. O "bota-abaixo" revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). Revista Rio de Janeiro, n. 10, pp. 5 - 40, maio-ago. 2003. Disponível em: http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Angela-Marly.pdf. Acesso em: 09 jul. 2024.

NUNES, Lara Jogaib. O processo de turistificação do carnaval do Rio de Janeiro através das páginas da Gazeta de Notícias. 2021. 227f. Tese. (Doutorado em História). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em História. Disponível em: <https://www.unirio.br/cchs/ppgh/producao-academica/teses-de-doutorado-e-egressos-pasta/arquivos/LARAJOGAIBNUNESUNIRIOTESE.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

RIBEIRO, Fernanda de Azevedo. Exposição Internacional do Centenário de 1922: processo de modernização e legado para a cidade do Rio de Janeiro. Niterói, RJ: [s.n.], 2014. 181f. Orientadora: Vera Lúcia Ferreira da Motta Rezende. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós - Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/23817/FERNANDA%20AZEVEDO.pdf?squence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 jul. 2024.

ROCHA, Oswaldo Porto. A era das negacionismo e crítica a quarentenas. demolições: cidade do Rio de Senado Federal, 2020. Disponível em: Janeiro1870 – 1920. Rio de Janeiro: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/envi> Secretaria das Culturas, Departamento o/. Acesso em: 08 nov. 2024.

Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1995. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/biblioteca_carioca_pdf/era_demolicoes_hab_pop.pdf. Acesso em: 24 mai. 2024.

SCHUSTER, Sven. História, nação e raça no contexto da Exposição do Centenário em 1922. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. v. 21, n. 1, pp. 1 – 13, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kYWBKz589rJvC5cz69TYSVL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2024.

VAN YPERSELE, Laurence. Max, Adolphe. In: DANIEL, Ute; GATRELL, Peter; JANZ, Oliver; JONES, Heather; KEENE, Jennifer; KRAMER, Alan; NASSON, Bill (Ed.). 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War. Berlin: Freie Universität Berlin, 2024. Disponível em: <https://encyclopedia.1914-1918->

[online.net/article/max_adolphe](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/max_adolphe). DOI: 10.15463/ie1418.10055/1.1. Acesso em: 03 jun. 2024.

WANDERLEY, Andrea C.T. Ludwig Ferdinand Schmid. Brasiliana Fotográfica, 2020. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=ludwig-ferdinand-schmid>. Acesso em: 09 nov. 2024.

WESTIN, Ricardo. No Brasil Império, a chegada de vírus mortal provocou

NOTAS

ⁱ No século XIX, os médicos e cientistas que os estrangeiros tinham oportunidade de conhecer, bem como a oportunidade de contagionistas e os anticontagionistas. Os primeiros defendiam que a melhor prevenção à febre amarela era o isolamento social dos doentes. A medida incluía estabelecer quarentena nos portos. Os últimos acreditavam que o adequado era o saneamento das cidades, com a drenagem de pântanos, retirando lixo de terrenos baldios, construindo redes de esgoto e demolindo moradias insalubres (WESTIN, 2020).

^v Para além do debate na imprensa e no Conselho Municipal, houve manifestações populares contra a demolição do morro que tiveram como mote o problema da falta crônica de habitações na cidade, pois os moradores do morro teriam que ser realocados e a marcação de uma posição contrária à demolição do lugar de memória chave para a história da cidade, por se tratar de ações de novas companhias na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Ocorreu na transição da Monarquia para a República estendendo-se pelos primeiros anos do novo regime. Se insere entre as novidades da modernização. Levou às crises no câmbio, nos bancos e nas finanças públicas da primeira década republicana. Para mais informações ver: <https://atlas.fgv.br/verbetes/encilhamento>. Acesso em: 11 jun. 2024.

ⁱⁱ Encilhamento – Crise econômica causada por especulação financeira cuja origem foi a criação e negociação de ações de novas companhias na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Ocorreu na transição da Monarquia para a República estendendo-se pelos primeiros anos do novo regime. Se insere entre as novidades da modernização. Levou às crises no câmbio, nos bancos e nas finanças públicas da primeira década republicana. Para mais informações ver: <https://atlas.fgv.br/verbetes/encilhamento>. Acesso em: 11 jun. 2024.

^{vi} Apesar dos esforços, o morro do Castelo não foi inteiramente demolido no tempo. Seu desmonte só foi finalizado na gestão Henrique Dodsworth, durante o Estado Novo (1937 – 1945) (NUNES, 2021).

^{vii} Foram implementadas a Avenida do Contorno, atual Avenida Rui Barbosa; o saneamento e melhoramento dos terrenos em volta da Lagoa Rodrigo de Freitas e no bairro do Leblon; a abertura da Avenida Epitácio Pessoa; a reconstrução da Avenida Niemeyer; a melhoria da Avenida Vieira Souto e da Avenida Rainha Elizabeth, que faz sua ligação com a Avenida Atlântica; a abertura das avenidas do Arpoador e riqueza e as potencialidades do país, Henrique Dumont, em Ipanema; a

ⁱⁱⁱ A ponta do Russel se localizava onde, hoje, localiza-se a Rua do Russel, na Glória. A ponta do Calabouço localizava-se onde hoje é o Aeroporto Santos Dumont.

^{iv} A noção de “vitrine dupla” se refere à abertura das avenidas do Arpoador e riqueza e as potencialidades do país, Henrique Dumont, em Ipanema; a

Avenida das Nações, hoje, Avenida Presidente Wilson; a Avenida Portugal, projetada para ligar a Praia Vermelha à Fortaleza de São João, onde foi criado o bairro da Urca; a Avenida do Exército, para melhorar o acesso a São Cristóvão; a abertura das ruas Azevedo Lima, atual Rua México e Alcindo Guanabara, a Avenida Maracanã, para procurar sanar, pelo menos em parte, o problema das enchentes na região da Tijuca; o prolongamento das ruas Machado Coelho, Benedito Hipólito e Mariz e Barros, ligando estas à Praça Saens Pena e criando a rua Almirante Cochrane. Além de todas essas obras, foram alargadas as ruas do Estácio, Aqueduto, Machado de Assis, Santana, Frei Caneca, Senador Eusébio e Visconde de Itaúna. Foram reconstruídas a muralha da praia de Copacabana e a Avenida Atlântica, danificadas após uma forte ressaca em setembro de 1921 entre outras. A Exposição, em si, serviria à remodelação do bairro da Misericórdia (KESSEL, 2001; RIBEIRO, 2014).

viii Sebastião Sampaio (1884 – 1963) – Bacharel em Direito pela USP. Jornalista. Diplomata com larga experiência. Foi cônsul em Saint Louis, adido comercial da embaixada brasileira em Washington, cônsul-geral em Nova York, chefe de gabinete do Ministério das Relações Exteriores na gestão de Félix Pacheco, diretor dos Serviços Comerciais do Itamaraty, plenipotenciário em missão especial conjunta com o ministro da Fazenda, atuando na negociação de acordos em

Washington, Londres e Paris, chefe de Missões Especiais, a Londres, Paris, Bruxelas, Haia, Berlim, Estocolmo, Oslo, Copenhague, Praga, Viena, Madri e Lisboa, chefiou a Delegação Brasileira à Conferência Comercial Panamericana de 1935 em Buenos Aires, foi ministro do Brasil na Tchecoslováquia, na Suécia e embaixador no México. Foi o primeiro a presidir o Conselho Federal de Comércio Exterior e foi membro do Conselho Diretor das Associações Comerciais do Brasil e do Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de Diretor-geral de festas da Exposição Internacional do Centenário (1922). Atuou ainda como jornalista, atuando como secretário-chefe de redação do *Jornal do Comercio*, foi diretor-fundador e redator-chefe da revista mensal, em língua inglesa, *Brazil*, editada em Nova York, e, por fim foi redator de outros diários da Capital Federal. Foi membro da Academia de Ciências Econômicas da Argentina, da Academia de História do México, da Panamerican Society (USA), da American Brazilian Association of New York (fundador e presidente). Foi eleito sócio honorário do IHGB em 25 de junho de 1959. Disponível em:

<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ssampaio.html#:~:text=Nasceu%20em%20Campinas%2C%20SP%2C%20em,c%3B%204nsul%20do%20Brasil%20em%20St.>

Acesso em: 23 mai. 2024.

ix A edição de 13 de maio do jornal *O Paiz* noticiou que entre 16 de fevereiro e 8 de abril a missão especial brasileira visitou 120 cidades estadunidenses (O PAIZ, 13/05/1922). Número muito maior do que o noticiado pelo *Jornal do*

Commercio em edição de 21 de maio, segundo a qual teriam sido percorridas quarenta e nove cidades de vinte e sete Estados. Dado o curto tempo de duração da missão brasileira e considerando os meios de transporte da época, parece difícil imaginar que a delegação do Brasil tenha visitado mais de 100 cidades estadunidenses.

^x Bertha Lutz (1894 – 1976) – bióloga do Museu Nacional (1919 – 1964), foi a segunda mulher a entrar para o serviço público brasileiro. Uma das pioneiras do movimento feminista nacional. Fundadora, naquele mesmo ano de 1922, da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF). Foi representante do país, também naquele ano, na Primeira Conferência Pan-Americana de Mulheres, ocorrida em Baltimore. Para mais informações sobre a trajetória de Bertha Lutz ver (KARAWEJCZYK, 2018).

^{xi} Na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional não estão disponíveis as edições do Jornal de Commercio entre 1º de julho e 31 de agosto de 1922.

^{xii} Apesar de seu trabalho focar no papel do carnaval na projeção internacional da cidade, há um item, no seu capítulo 2, que trata da importância da Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 que mostra como ela é o ponto de inflexão nesse processo.

^{xiii} Adrien van der Burch (1877 – 1954) – Membro de uma tradicional família belga. Era uma personalidade de

destaque no seu país natal. Era um especialista na organização de exposições. Foi representante belga na Exposição de Milão de 1897 e em outros eventos do gênero como Turim, Roubaix, Turcoing e foi Comissário Geral da Exposição Internacional de Bruxelas, em 1910 (JORNAL DO COMMERCIO, 27/06/1922, p. 6). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_11&pasta=ano%20192&pesq=Exposi%C3%A7%C3%A3o&pagfis=43099). Acesso em 03 jun. 2024. Foi ainda Comissário Geral da Exposição Internacional de Bruxelas de 1935. Sua residência é sede da Fundação van der Burch. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/16758540/adrien_van_der_burch/). Acesso em 28 mai. 2024.

^{xiv} David Charles Collier (1871 – 1934) – Advogado, servidor público, arqueólogo amador, consultor na realização de exposições. Foi Presidente da Câmara de Comércio de San Diego em 1908. Já tinha estado no Brasil em 1912. Entre 1909 e 1912 ocupou o cargo de Diretor Geral da Exposição Panamá – Califórnia e Presidente da Exposição entre 1912 e 1914. Em 1916 foi nomeado Comissário de Relações Públicas da Exposição Internacional Panamá – Califórnia. Foi um dos fundadores do Museu de San Diego, atual Museu do Homem, Gerente da Escola Americana de Pesquisa Social, em Santa Fé, Novo México. Era membro do Conselho da Escola de Pesquisa Americana. A reputação de promotor de exposições e como um republicano conhecido em Washington D.C. fizeram com que fosse nomeado Comissário

Geral da delegação do país à Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922. Foi nomeado em 7 de janeiro e em 18 de fevereiro chegou ao Rio de Janeiro. (AMERO, 2010; A PARTICIPAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL, 1923).

^{xv} A relação entre Brasil e Bélgica remonta ao período colonial, quando a Bélgica ainda era parte dos Países Baixos.

^{xvi} Sua visita foi uma retribuição à ação brasileira em favor da Bélgica. Uma vez no Rio de Janeiro, o rei tomou banho de mar em Copacabana e visitou a Urca e o Pão de Açúcar. Nada disso estava na programação oficial do evento (NUNES, 2021).

^{xvii} Adolphe Max (1869 – 1939) – Advogado e jornalista, entrou para a carreira política em 1903. Tornou-se Prefeito de Bruxelas em 1909. Preso pelas tropas alemães na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) retornou ao cargo após sua libertação. Sendo extremamente popular, permaneceu no cargo até sua morte. É considerado um herói de guerra em seu país (VAN YPERSELE, 2024).

^{xviii} António José de Almeida (1866 – 1929) – Médico. Sua atividade política começa ainda na universidade. Candidatou-se às eleições parlamentares de 1905. É eleito deputado em 1906. Foi eleito

Presidente da República portuguesa em 1919. (Disponível em: <https://www.presidencia.pt/presidente-da-republica/a-presidencia/antigos-presidentes/antonio-jose-de-almeida/>). Acesso em: 03 jun. 2024.

^{xix} O trajeto saiu da Rua Paissandu, seguiu pela Avenida Beira-Mar, pelo Cais do Porto, o túnel João Ricardo, o Campo de Santana, a Avenida do Mangue, a Quinta da Boa Vista, o Campo de São Cristóvão, a Avenida do Exército, a Avenida Maracanã, as ruas São Francisco Xavier, Conde de Bonfim, o Alto da Boa Vista, onde foram visitados a Cascatinha, o mirante do Excelsior, a gruta de Paulo e Virgínia, a Vista Chinesa, de onde seguiram para a Gávea Pequena (JORNAL DO COMMERCIO, 20 set. 1922, p. 2).

^{xx} Henrietta Wells Livermore (1864 – 1933) – Importante sufragista estadunidense. Em 1910 foi anfitriã de uma reunião que revitalizou o movimento sufragista no estado de Nova York. A atuação do grupo foi bem sucedida, e na eleição de 1919 as mulheres do estado de Nova York puderam votar. Criou, em 1921, o *Women's National Republican Club* do qual foi eleita presidente. Disponível em: https://www.hudsonrivervalley.org/documents/401021/0/henrietta_wells_livermore.pdf/a41aa6b9-21d7-41ce-b827-956dc42d20da;

<https://web.archive.org/web/20130609152448/http://www.wnrc.org/history.html>). Acesso em: 13/06/2024.

^{xxi} William Powell Wilson (1844 – 1927) – Foi comissário da cidade da Filadélfia no

Exposição Universal Colombiana de Chicago. Organizou dois congressos comerciais pan-americanos visando fomentar o aumento do comércio dos Estados Unidos com a América Latina, ambos na Filadélfia em 1897 e 1899, respectivamente. Em 1900 foi comissário da cidade da Filadélfia na Exposição de Paris. Esteve na Exposição Universal de Londres (1851) e em outras exposições como em Paris, na Bélgica, no Japão e na Alemanha e nos Estados Unidos (FON FON, 11/11/1922).

^{xxii} Annie Smith Peck (1850 – 1935) – Montanhista, feminista e professora estadunidense. Graduada pela Universidade de Michigan (1874 – 1878). Fez mestrado na mesma instituição e entre 1881 e 1883 ensinou latim na Universidade de Purdue. Entre 1883 e 1885, estudou na Alemanha. Em 1886 foi a primeira mulher a ingressar na Escola Americana de Estudos Clássicos (American School of Classical Studies) em Atenas. Entre 1886 e 1887 lecionou latim no Smith College, em Massachusetts. Seu interesse por montanhismo se iniciou em 1885. Entre seus feitos notórios no montanhismo estão: escalar o monte Shasta, na Califórnia, em 1888, a montanha Matterhorn, na fronteira entre a Suíça e a Itália, em 1895, os vulcões Popocatepetl e Citlaltépetl, no México, em 1897, tornando-se a primeira mulher do hemisfério ocidental a escalar o último. Em 1900 escalou o Fünffingerspitze, no Tyrol austríaco, o

Monte Cristallo, nas montanhas Dolomitas, norte da Itália e a montanha Jungfrau, na Suíça. Em 1902, foi uma das fundadoras do Clube Alpino Americano (American Alpine Club). Em 1904 começou a escalar montanhas na América do Sul. Naquele ano escalou o Pico Illampu, na Cordilheira Real, na Bolívia. Em setembro de 1908, chegou ao pico do Monte Huascarán, nos andes peruanos. Em 1911, aos 61 anos de idade, escalou o monte Coropuna, também no Peru, em seu cume fincou uma flâmula onde se lia “votes for women”. Escreveu livros e artigos para revistas. Os primeiros sendo *A Search for the Apex of South America* (1911), *The South American Tour* (1913), *Industrial and Commercial South America* (1922), and *Flying over South America—20,000 Miles by Air* (1932). Entre os últimos está *The International Exposition of Brazil*, publicado na revista *Current History*, em 1923, sobre a Exposição Internacional do Centenário de 1922. O último monte escalado por Peck foi o Monte Madison, em New Hampshire, aos 82 anos de idade. Seu acervo pessoal encontrasse no Brooklyn College da City University of New York, CUNY. (Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Annie-Smith-Peck>; https://www.jstor.org/stable/45329518?read-now=1&seq=7#page_scan_tab_contents; <https://archives.brooklyn.cuny.edu/repositories/2/resources/8>). Acesso em 6 jul. 2024.